

Era uma armadilha sem valor, estúpida... Na minha frente duas pedras pequenas, uma à direita, outra à esquerda, e um pouco mais longe, e para a esquerda, a mancha cor de creme de um canto de terra que as formigas tinham revolvido; sempre mais longe e para a esquerda, uma raiz grossa, negra, podre - tudo numa reta só, escondido ao sol, tecido na luz, dissimulado no ar luminoso. Eu ia passar entre as duas pedras, mas na última hora afastei-me ligeiramente para passar entre uma das pedras e o canto de terra revolvido; era um passo mínimo, uma coisa de nada... no entanto não se justificava, e este fato, parece, desconcertou-me... então, maquinalmente, afastei-me novamente para passar entre as duas pedras, segundo minha primeira intenção, mas sinto uma certa dificuldade, oh! muito leve, pelo fato que, depois de dois passos sucessivos, meu desejo de passar entre as duas pedras já se transformou numa decisão, pouco importante, é claro, mas assim mesmo numa decisão. O que nada justifica, pois a perfeita neutralidade dessas coisas na grama não justifica uma decisão: qual a diferença entre passar por aqui ou por ali? Aliás, o vale, adormecido com suas florestas, aturdido por um zumbido de moscas, parece mumificado. Paz. Condição, adormecimento, sonho. Nestas condições resolvo passar entre as pedras... a decisão, porém, no decorrer dos últimos segundos, tornou-se mais decisiva, e como decidir, já que é tudo igual?... então, já que estou decidido, entre a pedra e o canto de terra, mas constato que se eu agir assim, depois de duas partidas falsas, não será um andar normal e sim uma coisa importante... Donde, escolho o caminho entre o canto de terra e a raiz... mas, noto que seria agir como se eu estivesse com medo, e quero novamente pensar, entre a pedra e o canto de terra; que diabo, o que está acontecendo, o que vou parar assim no meio do caminho, estaria eu lutando contra fantasmas? o que houve? o que houve? Um sono brando de calor solar envolvia as plantas, as flores, as montanhas, nada se movia. Eu estava imóvel. Ficava ali, em pé. Essa atitude tornava-se cada vez mais irresponsável, demente até, eu não tinha o direito de permanecer assim, IMPOSSIVEL! DEVO PARTIR!... mas ali ficava eu. E então, naquela imobilidade, a minha imobilidade identificou-se com a do pardal, nas montanhas, com a do conjunto que ali se imobilizara, pardal-pau-gato, como aquela fórmula morta onde a imobilidade acumulava-se, aqui, nesses prados... Então, fiz um gesto... De uma só vez derrubei toda a impossibilidade de dentro de mim, e passei facilmente, sem nem saber por onde, porque não tinha importância, e pensando em outra coisa: que o sol deitava-se mais cedo por ali por causa das montanhas. De fato, o sol já estava bastante baixo. Caminhei no campo em direção à casa, encovado, acendi um cigarro e só me restou uma pálida lembrança da cena, um vago resíduo.

Witold Gombrowicz

P61
1972

*Declaramos autor deste
trabalho de graduação para a
Escola Superior de Desenho Industrial
Atividade de Linguagem
Rio de Janeiro, 8 de dezembro de 1972
Maurício Montenegro de Lima*



Nº de registro 1533/78
Lera. 4068/90

P6.1
1972

















































































